FERNANDO PESSOA

O Eu profundo e os outros Eus

20ª EDIÇÃO

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

POEMAS DRAMÁTICOS

NA FLORESTA DO ALHEAMENTO
O MARINHEIRO

*NOTA PRELIMINAR**

A LITERATURA DRAMÁTICA ***é uma*** *subespécie de literatura narrativa, e esta uma espécie do gênero literatura.*

A literatura é a expressão verbal de um temperamento; a literatura narrativa a forma objetiva dessa expressão verbal; a literatura dramática a forma maximamente objetiva — ou seja, a forma sintética — dessa expressão objetiva. Um drama não é mais que um romance na sua forma máxima de síntese possível. Ê por atingir esta objetividade máxima que ele pode receber a aparência de vida, isto é, que ele pode ser simulado num palco por pessoas a que se chama atores.

As qualidades possíveis do drama resultam, portanto, de três origens. Há as que ele tem em comum com todas as formas literárias, visto que ele é literatura; há as que ele tem, mais particularmente, em comum com todas as narrativas literárias; e há as que lhe são próprias como forma maximamente sintética da narrativa literária.

Há três espécies de drama: o tipo sintético, que busca incluir em

* Apontamento solto; s. d.; in *Poemas Dramáticos,* I, ed. Ática.

si, *equilibrando-as, as três ordens de qualidades que ao drama são possíveis; o tipo analítico, que busca apresentar só as qualidades particulares e distintivas do drama; e o tipo misto que busca reunir, conforme possa ser, as qualidades desses dois tipos.*

O tipo sintético do drama atinge a sua plenitude no drama em verso. Por ser em verso atinge o máximo da expressão verbal de um temperamento, que em verso se acentua muito mais que em prosa. Por ser drama reduz essa [expressão] verbal à objetividade.

NA FLORESTA DO ALHEAMENTO

SEI QUE DESPERTEI e que ainda durmo. O meu corpo antigo, moído de eu viver, diz-me que é muito cedo ainda. . . Sinto-me febril de longe. Peso-me não sei por quê. ..

Num torpor lúcido, pesadamente incorpóreo, estagno, entre um sono e a vigília, num sonho que é uma sombra de sonhar. Minha atenção bóia entre dois mundos e vê cegamente a profundeza de um mar e a profundeza de um céu; e estas profundezas interpenetram-me, misturam-se, e eu não sei onde estou nem o que sonho.

Um vento de sombras sopra cinzas de propósitos mortos sobre o que eu sou de desperto. Cai de um firmamento desconhecido um orvalho morno de tédio. Uma grande angústia inerte manuseia-me a alma por dentro, c incerta, altera-me como a brisa aos perfis das copas.

Na alcova mórbida e morna a antemanhã de lá fora é apenas um hálito de penumbra. Sou todo confusão quieta. . . Para que há de um dia raiar?. . . Custa-me o saber que ele raiará, como se fosse um esforço meu que houvesse de o fazer aparecer.

Com uma lentidão confusa acalmo. Entorpeço-me. Bóio no ar, entre velar e dormir, e uma outra espécie de realidade surge, e eu em meio dela, não sei de que onde que não é esse. ..

Surge mas não apaga esta, esta alcova tépida, essa de uma floresta estranha. Coexistem na minha atenção algemada as duas realidades, como dois fumos que se misturam.

Que nítida de outra e de ela essa trêmula paisagem transparente! . . .

E quem é esta mulher que comigo veste de observada essa floresta alheia? Para que é que tenho um momento de mo perguntar? . . . Eu nem sei querê-lo saber. . .

A alcova vaga é um vidro escuro através do qual, consciente dele, vejo essa paisagem. . . e essa paisagem conheço-a há muito, e há muito que com essa mulher que desconheço erro, outra realidade, através da irrealidade dela. Sinto em mim séculos de conhecer aquelas árvores, e aquelas flores e aquelas vias em desvios c aquele ser meu que ali vagueia, antigo e ostensivo

ao meu olhar, que o saber que estou nesta alcova veste de penumbras de ver. . .

De vez em quando pela floresta onde de longe me vejo e sinto, um vento lento varre um fumo, e esse fumo é a visão nítida e escura da alcova em que sou atual destes vagos móveis e reposteiros e do seu torpor de noturna. Depois esse vento passa e torna a ser toda só-ela a paisagem daquele outro mundo. ..

Outras vezes este quarto estreito é apenas uma cinza de bruma, no horizonte d'essa terra diversa... E há momentos em que o chão que ali pisamos é esta alcova visível...

Sonho e perco-me, duplo de ser eu e essa mulher. . . Um grande cansaço é um fogo negro que me consome. . . Uma grande ânsia passiva é a vida que me estreita. . .

Ó felicidade baça... O eterno estar no bifurcar dos caminhos! ... Eu sonho e por detrás da minha atenção sonha comigo alguém. . . E talvez eu não seja senão um sonho desse Alguém que não existe. . .

Lá fora a antemanhã tão longínqua! a floresta tão aqui ante outros olhos meus!

E eu, que longe desta paisagem quase a esqueço, é ao tê-la que tenho saudades d'ela. e é ao percorrê-la que a choro e a ela aspiro. ..

As árvores! as flores! o esconder-se copado dos caminhos!. . .

Passeávamos às vezes, de braço dado, sob os cedros e as olaias, nenhum de nós pensava em viver. A nossa carne era-nos um perfume vago e a nossa vida um eco de som de fonte. Dávamo-nos as mãos e os nossos olhos perguntavam-se o que seria o ser sensual e o querer realizar em carne a ilusão do amor. ..

No nosso jardim havia flores de todas as belezas. . . rosas de contornos enrolados, lírios de um branco amarelecendo-se, papoulas que seriam ocultas se o seu rubro lhes não espreitasse presença, violetas pouco na margem tufada dos canteiros miosótis mínimos, camélias estéreis de perfume. . . E, pasmados por cima de ervas altas, olhos, os girassóis isolados fitavam-nos grandemente.

Nós roçávamos a alma toda vista pelo frescor visível dos musgos e tínhamos, ao passar pelas palmeiras, a intuição esguia de outras terras. . . E subia-nos o choro à lembrança, porque nem aqui, ao sermos felizes o éramos. . .

Carvalhos cheios de séculos nodosos faziam tropeçar os nossos pés nos tentáculos mortos das suas raízes. . . Plátanos esta-

cavam... E ao longe, entre árvore e árvore de perto, pendiam no silêncio das latadas os cachos negrejantes de uvas. . .

O nosso sonho de viver ia adiante de nós, alado, e nós tínhamos para ele um sorriso igual e alheio, combinado nas almas sem nos olharmos, sem sabermos um do outro mais do que a presença apoiada de um braço contra a atenção entregue do outro braço que o sentia.

A nossa vida não tinha dentro. Éramos fora e outros. Desconhecíamo-nos. como se houvéssemos aparecido às nossas almas depois de uma viagem através de sonhos. . .

Tínhamo-nos esquecido do tempo, e o espaço imenso empequenara-se-nos na atenção. Fora daquelas árvores próximas, daquelas latadas afastadas, daqueles montes últimos no horizonte haveria alguma cousa de real, de merecedor do olhar aberto que se dá às cousas que existem?. . .

Na clepsidra da nossa imperfeição gotas regulares de sonho marcavam horas irreais. . . Nada vale a pena, ó meu amor longínquo, senão o saber como é suave saber que nada vale a pena. . .

O movimento parado das árvores; o sossego inquieto das fontes; o hálito indefinido do ritmo íntimo das seivas; o entardecer lento das coisas, que parece vir-lhes de dentro e dar mãos de concordância espiritual ao entristecer longínquo, e próximo à alma do alto silêncio do céu; o cair das folhas, compassado e inútil, pingos de alheamento, em que a paisagem se nos torna toda para os ouvidos e se entristece em nós como uma pátria recordada — tudo isto, como um cinto a desatar-se, cingia-nos, incertamente.

Ali vivemos um tempo que não sabia decorrer, um espaço para que não havia pensar em poder-se medi-lo. Um decorrer fora do tempo, uma extensão que desconhecia os hábitos da realidade no espaço. . . Que horas, ó companheira inútil do meu tédio, que horas de desassossego feliz se fingiram ali. . . Horas de cinza de espírito, dias de saudade espacial, séculos interiores de paisagem externa. . . E nós não nos perguntávamos para que era aquilo que não era para nada.

Nós sabíamos ali. por uma intuição que por certo não tínhamos. que este dolorido mundo onde seríamos dois, se existia, era para além da linha externa onde as montanhas são hábitos de formas, e para além dessa não havia nada. E era por causa da contradição de saber isto que a nossa hora de ali era escura como uma caverna em terra de supersticiosos, e o nosso senti-la era estranho como um perfil de cidade mourisca contra um céu de crepúsculo outonal.

Orlas de marés desconhecidas tocavam, no horizonte de ouvirmos, praias que nunca poderíamos ver, e era-nos a felicidade escutar, até vê-lo em nós, esse mar onde sem dúvida singravam caravelas com outros fins em percorrê-lo que não os fins úteis e comandados da Terra.

Reparávamos de repente, como quem repara que vive, que o ar estava cheio de cantos de ave, e que, como perfumes antigos em cetins, o marulho esfregado das folhas estava mais entranhado em nós de que a consciência de o ouvirmos.

E assim o murmúrio das aves, o sussurro dos arvoredos e o fundo monótono esquecido do mar eterno punham à nossa vida abandonada uma auréola de não a conhecermos. Dormimos ali acordados dias, contentes de não ser nada, de não ter desejos nem esperanças, de nos termos esquecido da cor dos amores e do sabor dos ódios. Julgávamo-nos imortais. . .

Ali vivemos horas cheias de um outro sentirmo-las, horas de uma imperfeição vazia e tão perfeitas por isso, tão diagonais à certeza retângula da vida. . . Horas imperiais depostas, horas vestidas de púrpura gasta, horas caídas nesse mundo de outro mundo mais cheio de orgulho de ter mais desmanteladas angústias . . .

E doía-nos gozar aquilo, doía-nos. . . Porque apesar do que tinha de exílio calmo, toda essa paisagem nos sabia a sermos deste mundo, toda ela era úmida de um vago tédio, triste e enorme e perverso como a decadência de um império ignoto.. .

Nas cortinas da nossa alcova a manhã é uma sombra de luz. Meus lábios, que eu sei que estão pálidos, sabem um ao outro a não quererem ter vida.

O ar do nosso quarto neutro é pesado como um reposteiro. A nossa atenção sonolente ao mistério de tudo isto é mole como uma cauda de vestido arrastada num cerimonial no crepúsculo.

Nenhuma ânsia nossa tem razão de ser. Nossa atenção é um absurdo consentido pela nossa inércia alada.

Não sei que óleos de penumbra ungem a nossa idéia do nosso corpo. O cansaço que temos é a sombra de um cansaço. Vem-nos de muito longe, como a nossa idéia de haver a nossa vida. . .

Nenhum de nós tem nome ou existência plausível. Se pudéssemos ser ruidosos ao ponto de nos imaginarmos rindo, riríamos sem dúvida de nos imaginarmos vivos. O frescor aquecido dos lenços acaricia-nos (a ti como a mim decerto) os pés que se sentem, um ao outro nus.

Desengunemo-nos, meu amor, da vida e dos seus modos. Fujamos a sermos nós. . . Não tiremos do dedo o anel mágico que chama, mexendo-se-lhe, pelas fadas do silêncio e pelos elfos da sombra e pelos gnomos do esquecimento. . .

E ei-la que, ao irmos a sonhar falar nela, surge ante nós, outra vez, a floresta muita, mas agora mais perturbada da nossa perturbação e mais triste da nossa tristeza. Foge diante dela, como um nevoeiro que se esfolha, a nossa idéia do mundo real, e eu possuo-me outra vez no meu sonho errante, que esta floresta misteriosa esquadra. . .

As flores, as flores que ali vivi! Flores que a vista traduzia para seus nomes, conhecendo-as, e cujo perfume a alma colhia. não nelas mas na melodia de seus nomes.. . Flores cujos nomes eram repetidos em seqüência, orquestras de perfumes sonoros. Árvores cuja volúpia verde punha sombra e frescor no como eram chamadas. . . Frutos cujo nome era um cravar de dentes na alma da sua polpa. . . Sombras que eram relíquias de outroras felizes. . . Clareiras, clareiras claras, que eram sorrisos mais francos da paisagem que se boceja em próxima. . . ó horas multicolores!. . . Instantes-flores, minutos-árvores, ó tempo estagnado em espaço, tempo morto de espaço coberto de flores, e do perfume de flores, e do perfume de nomes de flores!. . .

Loucura de sonho naquele silêncio alheio!...

A nossa vida era toda a vida... O nosso amor era o perfume do amor. . . Vivíamos horas impossíveis, cheias de sermos nós. . . E isto porque sabíamos, com toda a carne da nossa carne, que não éramos uma realidade. . .

Éramos impessoais, ocos de nós, outra coisa qualquer. . . Éramos aquela paisagem esfumada em consciência de si própria. . . E assim como ela era duas — de realidade que era, e ilusão — assim éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era ele-próprio, se o incerto outro vivera. . .

Quando emergimos de repente ante o estagnar dos lagos sentíamo-nos a querer soluçar. . . Ali aquela paisagem tinha os olhos rasos de água, olhos parados cheios de tédio inúmero de ser. . . Cheios, sim, do tédio de ser qualquer coisa, realidade ou ilusão — e esse tédio tinha a sua pátria e a sua voz na mudez e no exílio dos lagos... E nós, caminhando sempre e sem o saber ou querer, parecia ainda assim que nos demorávamos à beira daqueles lagos, tanto de nós com eles ficava e morava, simbolizado e absorto. . .

E que fresco e feliz horror o de não haver ali ninguém! Nem nós, que por ali íamos, ali estávamos. . . Porque nós não éramos ninguém. Nem mesmo éramos coisa alguma.. . Não tínhamos vida que a morte precisasse para matar. Éramos tão tênues e rasteirinhos que o vento do decorrer nos deixara inúteis e a hora passava por nós acariciando-nos como uma brisa pelo cimo de uma palmeira.

Não tínhamos época nem propósito. Toda a finalidade das coisas e dos seres ficara-nos à porta daquele paraíso de ausência. Imobilizar-se, para nos sentir senti-la, a alma rugosa dos troncos, a alma estendida das folhas, a alma núbil das flores, a alma vergada dos frutos. . .

E assim nós morremos a nossa vida, tão atentos separadamente a morrê-la que não reparamos que éramos um só, que cada um de nós era uma ilusão do outro, e cada um, dentro de si, o mero eco do seu próprio ser. . .

Zumbe uma mosca, incerta e mínima. . .

Raiam na minha atenção vagos ruídos, nítidos e dispersos, que enchem de ser já dia a minha consciência do nosso quarto... Nosso quarto? Nosso de que dois, se eu estou sozinho? Não sei. Tudo se funde e só fica, fingindo, uma realidade-bruma em que a minha incerteza soçobra e o meu compreender-me, embalado de ópios, adormece. . .

A manhã rompeu, como uma queda, do cimo pálido da Hora. . . Acabaram de arder, meu amor, na lareira da nossa vida, as achas dos nossos sonhos.. .

Desenganemo-nos da esperança, porque trai, do amor, porque cansa, da vida, porque farta, e não sacia, e até da morte, porque traz mais do que se quer e menos do que se espera.

Desenganemo-nos, ó Velada, do nosso próprio tédio, porque se envelhece de si próprio e não ousa ser toda a angústia que é.

Não choremos, não odiemos, não desejemos. . .

Cubramos, ó silenciosa, com um lençol de linho fino o perfil hirto da nossa Imperfeição. . .

O MARINHEIRO

A CARLOS FRANCO

Um quarto que é sem dúvida num castelo antigo. Do quarto vê-se que é circular. Ao centro ergue-se, sobre uma essa, um caixão com uma donzela, de branco. Quatro tochas aos cantos. À direita, quase em frente a quem imagina o quarto, há uma única janela, alta e estreita, dando para onde só se vê. entre dois montes longínquos, um pequeno espaço de mar.

Do lado da janela velam três donzelas. A primeira está sentada em frente à janela, de costas contra a tocha de cima da direita. As outras duas estão sentadas uma de cada lado da janela.

É noite e há como que um resto vago de luar.

PRIMEIRA VELADORA. - Ainda não deu hora nenhuma.

SEGUNDA. - Não se podia ouvir. Não há relógio aqui perto. Dentro em pouco deve ser dia.

TERCEIRA. - Não: o horizonte é negro.

PRIMEIRA. - Não desejais, minha irmã, que nos entretenhamos contando o que fomos? É belo e é sempre falso. . .

SEGUNDA. - Não, não falemos disso. De resto, fomos nós alguma cousa?

PRIMEIRA. - Talvez. Eu não sei. Mas, ainda assim, sempre é belo falar do passado... As horas têm caído e nós temos guardado silêncio. Por mim, tenho estado a olhar para a chama daquela vela. Às vezes treme, outras torna-se mais amarela, outras vezes empalidece. Eu não sei por que é que isso se dá. Mas sabemos nós, minhas irmãs, por que se dá qualquer cousa?. . .

(uma pausa)

A MESMA. - Falar no passado — isso deve ser belo, porque é inútil e faz tanta pena. . .

SEGUNDA. - Falemos, se quiserdes, de um passado que não tivéssemos tido.

TERCEIRA. - Não. Talvez o tivéssemos tido. . .

PRIMEIRA. - Não dizeis senão palavras. Ê tão triste falar! É um modo tão falso de nos esquecermos!... Se passeássemos?. . .

TERCEIRA. - Onde?

PRIMEIRA. - Aqui, de um lado para outro. Às vezes isso vai buscar sonhos.

TERCEIRA. - De quê?

PRIMEIRA. - Não sei. Por que o havia eu de saber?

(uma pausa)

SEGUNDA. - Todo este país é muito triste... Aquele onde eu vivi outrora era menos triste. Ao entardecer eu fiava, sentada à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe. . . Muitas vezes eu não fiava; olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse. . .

PRIMEIRA. - Fora de aqui, nunca vi o mar. Ali, daquela janela, que é a única de onde o mar se vê, vê-se tão pouco!... O mar de outras terras é belo?

SEGUNDA. - Só o mar das outras terras é que é belo. Aquele que nós vemos dá-nos sempre saudades daquele que não veremos nunca...

(uma pausa)

PRIMEIRA. - Não dizíamos nós que íamos contar o nosso passado?

SEGUNDA. - Não, não dizíamos.

TERCEIRA. - Por que não haverá relógio neste quarto?

SEGUNDA. - Não sei... Mas assim, sem o relógio, tudo é mais afastado e misterioso. A noite pertence mais a si própria. .. Quem sabe se nós poderíamos falar assim se soubéssemos a hora que é?

PRIMEIRA. - Minha irmã, em mim tudo é triste. Passo dezembros na alma.. . Estou procurando não olhar para a janela... Sei que de lá se vêem, ao longe, montes... Eu fui feliz para além de montes, outrora... Eu era pequenina. Colhia flores todo o dia e antes de adormecer pedia que não mas tirassem... Não sei o que isto tem de irreparável que me dá vontade de chorar.. . Foi longe daqui que isto pôde ser. . . Quando virá o dia?...

TERCEIRA. - Que importa? Ele vem sempre da mesma maneira... sempre, sempre, sempre...

(uma pausa)

SEGUNDA. - Contemos contos umas as outras... Eu não sei contos nenhuns, mas isso não faz mal... Só viver é que faz mal.. . Não rocemos pela vida nem a orla das nossas vestes. . . Não, não vos levanteis. Isso seria um gesto, e cada gesto interrompe um sonho. . . Neste momento eu não tinha sonho nenhum, mas é-me suave pensar que o podia estar tendo. . . Mas o passado — por que não falamos nós dele?

PRIMEIRA. - Decidimos não o fazer. . . Breve raiará o dia e arrepender-nos-emos... Com a luz os sonhos adormecem... O passado não é senão um sonho... De resto, nem sei o que não é sonho. . . Se olho para o presente com muita atenção, parece-me que ele já passou... O que é qualquer cousa? Como é que ela passa? Como é por dentro o modo como ela passa?. . . Ah. falemos, minhas irmãs, falemos alto, falemos todas juntas.. . O silêncio começa a tomar corpo, começa a ser cousa. . . Sinto-o envolver-me como uma névoa. . . Ah, falai, falai!...

SEGUNDA. - Para quê?... Fito-vos a ambas e não vos vejo logo. . . Parece-me que entre nós se aumentaram abismos. . . Tenho que cansar a idéia de que vos posso ver para poder chegar a ver-vos. . . Este ar quente é frio por dentro, naquela parte em que toca na alma... Eu devia agora sentir mãos impossíveis passarem-me pelos cabelos — é o gesto com que falam das sereias.. . *(Cruza as mãos sobre os joelhos. Pausa).* Ainda há pouco, quando eu não pensava em nada. estava pensando no meu passado.

PRIMEIRA. - Eu também devia ter estado a pensar no meu. . .

TERCEIRA. - Eu já não sabia em que pensava... No passado dos outros talvez..., no passado de gente maravilhosa que nunca existiu... Ao pé da casa de minha mãe corria um riacho. . . Por que é que correria, e por que é que não correria mais longe. ou mais perto?. . . Há alguma razão para qualquer coisa ser o que é? Há para isso qualquer razão verdadeira e real como as minhas mãos?

SEGUNDA. - As mãos não são verdadeiras nem reais. . . São mistérios que habitam na nossa vida... às vezes, quando fito as minhas mãos, tenho medo de Deus.. . Não há vento que mova as chamas das velas, e olhai, elas movem-se.. . Para onde se inclinam elas?... Que pena se alguém pudesse responder!.. . Sinto-me desejosa de ouvir músicas bárbaras que devem agora estar tocando em palácios de outros continentes.. . É sempre longe da minha alma. . . Talvez porque, quando criança, corri

atrás das ondas à beira-mar. Levei a vida pela mão entre rochedos, maré-baixa, quando o mar parece ter cruzado as mãos sobre o peito e ter adormecido como uma estátua de anjo para que nunca mais ninguém olhasse. . .

TERCEIRA. - As vossas frases lembram-me a minha alma. . .

SEGUNDA. - É talvez por não serem verdadeiras. . . Mal sei que as digo. . . Repito-as seguindo uma voz que não ouço que mas está segredando. . . Mas eu devo ter vivido realmente à beira-mar... Sempre que uma cousa ondeia, eu amo-a... Há ondas na minha alma. . . Quando ando embalo-me. . . Agora eu gostaria de andar.. . Não o faço porque não vale nunca a pena fazer nada, sobretudo o que se quer fazer. . . Dos montes é que eu tenho medo. . . É impossível que eles sejam tão parados e grandes. . . Devem ter um segredo de pedra que se recusam a saber que têm... Se desta janela, debruçando-me, eu pudesse deixar de ver montes, debruçar-se-ia um momento da minha alma alguém em quem eu me sentisse feliz.. .

PRIMEIRA. - Por mim, amo os montes. . . Do lado de cá de todos os montes é que a vida é sempre feia... Do lado de lá, onde mora minha mãe, costumávamos sentarmo-nos à sombra dos tamarindos e falar de ir ver outras terras. . . Tudo ali era longo e feliz como o canto de duas aves, uma de cada lado do caminho. . . A floresta não tinha outras clareiras senão os nossos pensamentos... E os nossos sonhos eram de que as árvores projetassem no chão outra calma que não as suas sombras... Foi decerto assim que ali vivemos, eu e não sei se mais alguém. . . Dizei-me que isto foi verdade para que eu não tenha de chorar. . .

SEGUNDA. - Eu vivi entre rochedos e espreitava o mar... A orla da minha saia era fresca e salgada batendo nas minhas pernas nuas... Eu era pequena e bárbara. . . Hoje tenho medo de ter sido. . . O presente parece-me que durmo. . . Falai-me das fadas. Nunca ouvi falar delas a ninguém... O mar era grande demais para fazer pensar nelas... Na vida aquece ser pequeno. . . Éreis feliz, minha irmã?

PRIMEIRA. - Começo neste momento a tê-lo sido outrora. . . De resto, tudo aquilo se passou na sombra... As árvores viveram-no mais do que eu. . . Nunca chegou quem eu mal esperava. . . E vós, irmã, por que não falais?

TERCEIRA. - Tenho horror a de aqui a pouco vos ter já dito o que vos vou dizer. A minhas palavras presentes, mal eu as diga, pertencerão logo ao passado, ficarão fora de mim, não sei onde. rígidas e fatais. . . Falo. e penso nisto na minha garganta, e as

minhas palavras parecem-me gente. . . Tenho um medo maior do que eu. Sinto na minha mão, não sei como, a chave de uma porta desconhecida. E toda eu sou um amuleto ou um sacrário que estivesse com consciência de si próprio. É por isto que me apavora ir, como por uma floresta escura, através do mistério de falar. . . E afinal, quem sabe se eu sou assim e se é isto sem dúvida que sinto?. . .

PRIMEIRA. - Custa tanto saber o que se sente quando reparamos em nós!. . . Mesmo viver sabe a custar tanto quando se dá por isso. . . Falai, portanto, sem repanrardes que existis. . . Não nos íeis dizer quem éreis?

TERCEIRA. - O que eu era outrora já não se lembra de quem sou. . . Pobre da feliz que eu fui!... Eu vivi entre as sombras dos ramos, e tudo na minha alma é folhas que estremecem. Quando ando ao sol a minha sombra é fresca. Passei a fuga dos meus dias ao lado de fontes, onde eu molhava, quando sonhava de viver, as pontas tranqüilas dos meus dedos... Às vezes, à beira dos lagos, debruçava-me e fitava-me. . . Quando eu sorria, os meus dentes eram misteriosos na água. . . Tinham um sorriso só deles, independente do meu. . . Era sempre sem razão que eu sorria. . . Falai-me da morte, do fim de tudo, para que eu sinta uma razão para recordar. . .

PRIMEIRA. - Não falemos de nada, de nada. . . Está mais frio, mas por que é que está mais frio? Não há razão para estar mais frio. Não é bem mais frio que está. . . Para que é que havemos de falar?. . . É melhor cantar, não sei por quê... O canto, quando a gente canta de noite, é uma pessoa alegre e sem medo que entra de repente no quarto e o aquece a consolar-nos... Eu podia cantar-vos uma canção que cantávamos em casa de meu passado. Por que é que não quereis que vo-la cante?

TERCEIRA. - Não vale a pena, minha irmã. . . Quando alguém canta, eu não posso estar comigo. Tenho que não poder recordar-me. E depois todo o meu passado torna-se outro e eu choro uma vida morta que trago comigo e que não vivi nunca. É sempre tarde demais para cantar, assim como é sempre tarde demais para não cantar. . .

(uma pausa)

PRIMEIRA. - Breve será dia... Guardemos silêncio... A vida assim o quer. Ao pé da minha casa natal havia um lago. Eu ia lá e assentava-me à beira dele, sobre um tronco de árvore que caíra quase dentro da água. . . Sentava-se na ponta e

molhava na água os pés, esticando para baixo os dedos. Depois olhava excessivamente para as pontas dos pés, mas não era para os ver. Não sei por quê. mas parece-me deste lago que ele nunca existiu. . . Lembrar-me dele é como não me poder lembrar de nada. . . Quem sabe por que *é* que eu digo isto e se fui eu que vivi o que recordo?. . .

SEGUNDA. - À beira-mar somos tristes quando sonhamos... Não podemos ser o que queremos ser, porque o que queremos ser queremo-lo sempre ter sido no passado. . . Quando a onda se espalha e a espuma chia. parece que há mil vozes mínimas a falar. A espuma só parece ser fresca a quem a julga uma. . . Tudo é muito e nós não sabemos nada. . . Quereis que vos conte o que eu sonhava à beira-mar?

PRIMEIRA. - Podeis contá-lo, minha irmã: mas nada em nós tem necessidade de que no-lo conteis. . . Sc é belo, tenho já pena de vir a tê-lo ouvido. E se não é belo. esperai. . .. contai-o só depois de o alterardes. . .

SEGUNDA. - Vou dizer-vo-lo. Não é inteiramente falso, porque sem dúvida nada é inteiramente falso. Deve ter sido assim. . . Um dia que eu dei por mim recostada no cimo frio de um rochedo, e que eu tinha esquecido que tinha pai e mãe e que houvera em mim infância e outros dias — nesse dia vi ao longe, como uma coisa que eu só pensasse em ver. a passagem vaga de uma vela. . . Depois ela cessou. . . Quando reparei para mim, vi que já tinha esse meu sonho. . . Não sei onde ele teve princípio. . . E nunca tornei a ver outra vela. . . Nenhuma das velas dos navios que saem aqui de um porto se parece com aquela, mesmo quando é lua e os navios passam longe devagar. . .

PRIMEIRA. - Vejo pela janela um navio ao longe. É talvez aquele que vistes.. .

SEGUNDA. - Não, minha irmã; esse que vedes busca sem dúvida um porto qualquer. . . Não podia ser que aquele que eu vi buscasse qualquer porto. . .

PRIMEIRA. - Por que é que me respondestes?. . . Pode ser. . . Eu não vi navio nenhum pela janela. .. Desejava ver um e falei-vos dele para não ter pena. . . Contai-nos agora o que foi que sonhastes à beira-mar. . .

SEGUNDA. - Sonhava de um marinheiro que se houvesse perdido numa ilha longínqua. Nessa ilha havia palmeiras hirtas, poucas, e aves vagas passavam por elas. . . Não vi se alguma vez pousavam. . . Desde que, naufragado, se salvara, o marinheiro vivia ali. . . Como ele não tinha meio de voltar à pátria, e cada

vez que se lembrava dela sofria, pôs-se a sonhar uma pátria que nunca tivesse tido; pôs-se a fazer ter sido sua uma outra pátria, uma outra espécie de país com outras espécies de paisagem, e outra gente, e outro feitio de passarem pelas ruas e de se debruçarem das janelas. . . Cada hora ele construía em sonho esta falsa pátria, e ele nunca deixava de sonhar, de dia à sombra curta das grandes palmeiras, que se recortava, orlada de bicos, no chão areento e quente; de noite, estendido na praia, de costas e não reparando nas estrelas.

PRIMEIRA. - Não ter havido uma árvore que mosqueasse sobre as minhas mãos estendidas a sombra de um sonho como esse!. . .

TERCEIRA. - Deixai-a falar. . . Não a interrompais. . . Ela conhece palavras que as sereias lhe ensinaram.. . Adormeço para a poder escutar... Dizei, minha irmã, dizei... Meu coração dói-me de não ter sido vós quando sonháveis à beira-mar...

SEGUNDA. - Durante anos e anos, dia a dia, o marinheiro erguia num sonho contínuo a sua nova terra natal. . . Todos os dias punha uma pedra de sonho nesse edifício impossível. . . Breve ele ia tendo um país que já tantas vezes havia percorrido. Milhares de horas lembrava-se já de ter passado ao longo de suas costas. Sabia de que cor soíam ser os crepúsculos numa baía do Norte, e como era suave entrar, noite alta, e com a alma recostada no murmúrio da água que o navio abria, num grande porto do Sul onde ele passara outrora, feliz talvez, das suas mocidades a suposta. ..

(uma pausa)

PRIMEIRA. - Minha irmã, por que é que vos calais?

SEGUNDA. - Não se deve falar demasiado.. . A vida espreita-nos sempre. .. Toda a hora é materna para os sonhos, mas é preciso não o saber. . . Quando falo demais começo a separar-me de mim e a ouvir-me falar. Isso faz com que me compadeça de mim própria e sinta demasiadamente o coração. Tenho então uma vontade lacrimosa de o ter nos braços para o poder embalar como a um filho. . . Vede: o horizonte empalideceu.. . O dia não pode já tardar. . . Será preciso que eu vos fale ainda mais do meu sonho?

PRIMEIRA. - Contai sempre, minha irmã, contai sempre... Não pareis de contar, nem repareis em que dias raiam... O dia nunca raia para quem encosta a cabeça no seio das horas sonhadas. . . Não torçais as mãos. Isso faz um ruído como o de

uma serpente furtiva. . . Falai-nos muito mais do vosso sonho. Ele é tão verdadeiro que não tem sentido nenhum. Só pensar cm ouvir-vos me toca música na alma. . .

SEGUNDA. - Sim. falar-vos-ei mais dele. Mesmo eu preciso de vo-lo contar. À medida que o vou contando, é a mim também que o conto... São três a escutar... *(De repente, olhando para o caixão, e estremecendo.)* Três não. . . Não sei. . . Não sei quantas. . .

TERCEIRA. - Não faleis assim... Contai depressa, contai outra vez. . . Não faleis em quantos podem ouvir. . . Nós nunca sabemos quantas coisas realmente vivem e vêem e escutam... Voltai ao vosso sonho. . . O marinheiro. O que sonhava o marinheiro?. . .

SEGUNDA *(mais baixo, numa voz muito lenta).* - Ao princípio ele criou as paisagens; depois criou as cidades; criou depois as ruas e as travessas, uma e uma, cinzelando-as na matéria da sua alma — uma a uma as ruas, bairro a bairro, até às muralhas do cais de onde ele criou depois os portos. . . Uma a uma as ruas, e a gente que as percorria e que olhava sobre elas das janelas... Passou a conhecer certa gente, como quem a reconhece apenas. . . Ia-lhes conhecendo as vidas passadas e as conversas, e tudo isto era como quem sonha apenas paisagens e as vai vendo. . . Depois viajava, recordado, através do país que criara. . . E assim foi construindo o seu passado. . . Breve tinha uma outra vida anterior. . . Tinha já, nessa nova pátria, um lugar onde nascera, os lugares onde passara a juventude, os portos onde embarcara... Ia tendo tido os companheiros da infância e depois os amigos e inimigos da sua idade viril. . . Tudo era diferente de como ele o tivera — nem o país, nem a gente, nem o seu passado próprio se pareciam com o que haviam sido. . . Exigis que eu continue?. . . Causa-me tanta pena falar disto!. . . Agora, porque vos falo disto, aprazia-me mais estar-vos falando de outros sonhos. . .

TERCEIRA. - Continuai, ainda que não saibais por quê. . . Quanto mais vos ouço, mais me não pertenço.. .

PRIMEIRA. - Será bom realmente que continueis? Deve qualquer história ter fim? Em todo o caso falai. . . Importa tão pouco o que dizemos ou não dizemos. . . Velamos as horas que passam. . . O nosso mister é inútil como a Vida.. .

SEGUNDA. - Um dia, que chovera muito, e o horizonte estava mais incerto, o marinheiro cansou-se de sonhar. . . Quis então recordar a sua pátria verdadeira. . . mas viu que não se lembrava de nada, que ela não existia para ele. . . Meninice de que se

lembrasse, era a na sua pátria de sonho; adolescência que recordasse, era aquela que se criara. . . Toda a sua vida tinha sido a sua vida que sonhara. . . E ele viu que não podia ser que outra vida tivesse existido. . . Se ele nem de uma rua, nem de uma figura, nem de um gesto materno se lembrava... E da vida que lhe parecia ter sonhado, tudo era real e tinha sido. . . Nem sequer podia sonhar outro passado, conceber que tivesse tido outro, como todos, um momento, podem crer. . . Ó minhas irmãs, minhas irmãs. . . Há qualquer coisa, que não sei o que é, que vos não disse. . . qualquer coisa que explicaria isto tudo. . . A minha alma esfria-me. . . Mal sei se tenho estado a falar. . . Falai-me, gritai-me, para que eu acorde, para que eu saiba que estou aqui ante vós e que há coisas que são apenas sonhos. . .

PRIMEIRA *(numa voz muito baixa).* - Não sei que vos diga... Não ouso olhar para as cousas. . . Esse sonho como continua?. . .

SEGUNDA. - Não sei como era o resto. . . Mal sei como era o resto. . . Por que é que haverá mais?

PRIMEIRA. - E o que aconteceu depois?

SEGUNDA. - Depois? Depois de quê? Depois é alguma cousa?. . . Veio um dia um barco. . . Veio um dia um barco. . . — Sim, sim... só podia ter sido assim... — Veio um dia um barco, e passou por essa ilha, e não estava lá o marinheiro. . .

TERCEIRA. - Talvez tivesse regressado à Pátria... Mas a qual?

PRIMEIRA. - Sim, a qual? E o que teriam feito ao marinheiro? Sabê-lo-ia alguém?

SEGUNDA. - Por que é que mo perguntais? Há resposta para alguma coisa?

(uma pausa)

TERCEIRA. - Será absolutamente necessário, mesmo dentro do vosso sonho, que tenha havido esse marinheiro e essa ilha?

SEGUNDA. - Não, minha irmã; nada é absolutamente necessário.

PRIMEIRA. - Ao menos, como acabou o sonho?

SEGUNDA. - Não acabou. . . Não sei. . . Nenhum sonho acaba. . . Sei eu ao certo se o não continuo sonhando, se o não sonho sem o saber se o sonhá-lo não é esta coisa vaga a que eu chamo a minha vida?. . . Não me faleis mais. . . Principio a estar certa de qualquer coisa, que não sei o que é. . . Avan-

çam para mim, por uma noite que não é esta, os passos de um horror que desconheço. . . Quem teria eu ido despertar com o sonho meu que vos contei?. . . Tenho um medo disforme de que Deus tivesse proibido o meu sonho. . . Ele c sem dúvida mais real do que Deus permite. . . Não estejais silenciosas.. . Dizei-me ao menos que a noite vai passando, embora eu o saiba... Vede, começa a ir ser dia... Vede: vai haver o dia real. . . Paremos. . . Não pensemos mais. . . Não tentemos seguir nesta aventura interior. . . Quem sabe o que está no fim dela?... Tudo isto, minhas irmãs, passou-se na noite... Não falemos mais disto, nem a nós próprios. . . É humano e conveniente que tomemos, cada qual, a sua atitude de tristeza.

TERCEIRA. - Foi-me tão belo escutar-vos. . . Não digais que não. . . Bem sei que não valeu a pena. . . É por isso que o achei belo... Não foi por isso, mas deixai que eu o diga... De resto, a música da vossa voz, que escutei ainda mais que as vossa palavras, deixa-me. talvez só por ser música, descontente. . .

SEGUNDA. - Tudo deixa descontente, minha irmã. . . Os homens que pensam cansam-se de tudo, porque tudo muda. Os homens que passam provam-no, porque mudam com tudo. . . De eterno e belo há apenas o sonho. . . Por que estamos nós falando ainda?.. .

PRIMEIRA. - Não sei. . . *(olhando para o caixão, em voz mais baixa)* — Por que é que se morre?

SEGUNDA. - Talvez por não se sonhar bastante. . .

PRIMEIRA. - É possível. . . Não valeria então a pena fecharmo-nos no sonho e esquecer a vida, para que a morte nos esquecesse?. . .

SEGUNDA. - Não, minha irmã, nada vale a pena. . .

TERCEIRA. - Minhas irmãs, é já dia... Vede, a linha dos montes maravilha-se. . . Por que não choramos nós?. . . Aquela que finge estar ali era bela, e nova como nós, e sonhava também . . . Estou certa que o sonho dela era o mais belo de todos. . . Ela de que sonharia?. . .

PRIMEIRA. - Falai mais baixo. Ela escuta-nos talvez, e já sabe para que servem os sonhos. . .

(uma pausa)

SEGUNDA. - Talvez nada disto seja verdade. . . Todo este silêncio e esta morta, e este dia que começa não são talvez senão um sonho. . . Olhai bem para tudo isto. . . Parece-vos que pertence à vida?. . .

PRIMEIRA. - Não sei. Não sei como se é da vida. . . Ah, como vós estais parada! E os vossos olhos são tristes, parece que o estão inutilmente. . .

SEGUNDA. - Não vale a pena estar triste de outra maneira. . . Não desejais que nos calemos? É tão estranho estar a viver. . . Tudo o que acontece é inacreditável, tanto na ilha do marinheiro como neste mundo. . . Vede, o céu é já verde. O horizonte sorri ouro. . . Sinto que me ardem os olhos, de eu ter pensado em chorar.. .

PRIMEIRA. - Chorastes, com efeito, minha irmã.

SEGUNDA. - Talvez. . . Não importa. . . Que frio é isto?. . . Ah, é agora... é agora!... Dizei-me isto... Dizei-me uma coisa ainda. . . Por que não será a única coisa real nisto tudo o marinheiro, e nós e tudo isto aqui apenas um sonho dele?. . .

PRIMEIRA. - Não faleis mais, não faleis mais. . . Isso é tão estranho que deve ser verdade. . . Não continueis. . . O que íeis dizer não sei o que é, mas deve ser demais para a alma o poder ouvir. . . Tenho medo do que não chegastes a dizer. . . Vede, vede, é dia já. . . Vede o dia. . . Fazei tudo por reparardes só no dia, no dia real, ali fora. . . Vede-o, vede-o. . . Ele consola.. . Não penseis, não olheis para o que pensais. . . Vede-o a vir, o dia. . . Ele brilha como ouro numa terra de prata. As leves nuvens arredondam-se à medida que se coloram... Se nada existisse, minhas irmãs?... Se tudo fosse, de qualquer modo, absolutamente coisa nenhuma?. . . Por que olhastes assim?. . .

(Não lhe respondem. E ninguém olhara de nenhuma maneira.)

A MESMA. - Que foi isso que dissestes e que me apavorou?. . . Senti-o tanto que mal vi o que era. . . Dizei-me o que foi, para que eu, ouvindo-o segunda vez, já não tenha tanto medo como dantes. . . Não, não. . . Não digais nada. . . Não vos pergunto isto para que me respondais, mas para falar apenas, para me não deixar pensar. . . Tenho medo de me poder lembrar do que foi. . . Mas foi qualquer coisa de grande e pavoroso como o haver Deus. . . Devíamos já ter acabado de falar... Há tempo já que a nossa conversa perdeu o sentido... O que é entre nós que nos faz falar prolonga-se demasiadamente... Há mais presenças aqui do que as nossas almas... O dia devia ter já raiado. . . Deviam já ter acordado... Tarda qualquer coisa... Tarda tudo... O que é que se está dando nas coisas de acordo com o nosso horror?. . . Ah, não me abandoneis. . . Falai co-

migo, falai comigo. . . Falai ao mesmo tempo do que eu para não deixardes sozinha a minha voz... Tenho menos medo à minha voz do que à idéia da minha voz, dentro de mim, se for reparar que estou falando. . .

TERCEIRA. - Que voz é essa com que falais?. . . É de outra. . . Vem de uma espécie de longe. . .

PRIMEIRA. - Não sei. . . Não me lembreis isso. . . Eu devia estar falando com a voz aguda e tremida do medo. . . Mas já não sei como é que se fala. . . Entre mim e a minha voz abriu-se um abismo. . . Tudo isto, toda esta conversa e esta noite, e este medo — tudo isto devia ter acabado, devia ter acabado de repente, depois do horror que nos dissestes. . . Começo a sentir que o esqueço, a isso que dissestes, e que me fez pensar que eu devia gritar de uma maneira nova para exprimir um horror de aqueles. . .

TERCEIRA *(para a* SEGUNDA). - Minha irmã, não nos devíeis ter contado esta história. Agora estranho-me viva com mais horror. Contaveis e eu tanto me distraía que ouvia o sentido das vossas palavras e o seu som separadamente. E parecia-me que vós, e a vossa voz, c o sentido do que dizíeis eram três entes diferentes, como três criaturas que falam e andam.

SEGUNDA. - São realmente três entes diferentes, com vida própria e real. Deus talvez saiba por quê. . . Ah. mas por que é que falamos? Quem é que nos faz continuar falando? Por que falo eu sem querer falar? Por que é que já não reparamos que é dia?. . .

PRIMEIRA. - Quem pudesse gritar para despertarmos! Estou a ouvir-me a gritar dentro de mim, mas já não sei o caminho da minha vontade para a minha garganta. Sinto uma necessidade feroz de ter medo de que alguém possa agora bater àquela porta. Por que não bate alguém à porta? Seria impossível c eu tenho necessidade de ter medo disso, de saber de que é que tenho medo. . . Que estranha que me sinto!. . . Parece-me já não ter a minha voz. . . Parte de mim adormeceu e ficou a ver. . . O meu pavor cresceu mas eu já não sei senti-lo. . . Já não sei em que parte da alma é que se sente. . . Puseram ao meu sentimento do corpo uma mortalha de chumbo. . . Para que foi que nos contastes a vossa história?

SEGUNDA. - Já não me lembro. . . Já mal me lembro que a contei. . . Parece ter sido já há tanto tempo!. . . Que sono, que sono absorve o meu modo de olhar para as coisas!... O que é que nós queremos fazer? o que é que nós temos idéia de fazer? — já não sei se é falar ou não falar. . .

PRIMEIRA. - Não falemos mais. Por mim, cansa-me o esforço que fazeis para falar. . . Dói-me o intervalo que há entre o que pensais e o que dizeis. . . A minha consciência bóia à tona da sonolência apavorada dos meus sentidos pela minha pele.. . Não sei o que é isto, mas é o que sinto. . . Preciso dizer frases confusas, um pouco longas, que custem a dizer. . . Não sentis tudo isto como uma aranha enorme que nos tece de alma a alma uma teia negra que nos prende?

SEGUNDA. - Não sinto nada... Sinto as minhas sensações como uma coisa que se sente. . . Quem é que eu estou sendo?. . . Quem é que está falando com a minha voz?. . . Ah. escutai. ..

PRIMEIRA e TERCEIRA. - Quem foi?

SEGUNDA. - Nada. Não ouvi nada. . . Quis fingir que ouvia para que vós supusésseis que ouvieis e eu pudesse crer que havia alguma coisa a ouvir. . . Oh, que horror, que horror íntimo nos desata a voz da alma, e as sensações dos pensamento, e nos faz falar e sentir e pensar quando tudo em nós pede o silêncio e o dia e a inconsciência da vida. . . Quem é a quinta pessoa neste quarto que estende o braço e nos interrompe sempre que vamos a sentir?

PRIMEIRA. - Para que tentar apavorar-me? Não cabe mais terror dentro de mim. . . Peso excessivamente ao colo de me sentir. Afundei-me toda no lodo morno do que suponho que sinto. Entra-me por todos os sentidos qualquer coisa que nos pega e nos vela. Pesam-me as pálpebras a todas as minhas sensações. Prende-se a língua a todos os meus sentimentos. Um sono fundo cola uma às outras as idéias de todos os meus gestos. Por que foi que olhastes assim?. . .

TERCEIRA *(numa voz muito lenta e apagada).* - Ah, é agora, é agora. . . Sim, acordou alguém... Há gente que acorda. . . Quando entrar alguém tudo isto acabará. . . Até lá façamos por crer que todo este horror foi um longo sono que fomos dormindo. . . É dia já. . . Vai acabar tudo... E de tudo isto fica. minha irmã, que só vós sois feliz, porque acreditais no sonho. . .

SEGUNDA. - Por que é que mo perguntais? Por que eu o disse? não, não acredito. . .

Um galo canta. A luz. como que subitamente, aumenta. As ires veladoras quedam-se silenciosas e sem olharem umas para as oulras.
Não muito longe, por uma estrada, um vago carro geme e chia.

11/12 outubro, 1913